

INCLUSÃO, Nº10,2010, 29-38

EDUCAÇÃO MUSICAL NA INTERVENÇÃO PRECOCE

Nelson A. Alves - Instituto Técnico e Artístico de Coimbra

Maria Helena Vieira – Professora Auxiliar do Instituto de Educação, da Universidade do Minho

Ana Maria Serrano- Professora Associada do Instituto de Educação, da Universidade do Minho

Resumo:

Este estudo procurou ser um contributo para a prática da Intervenção Precoce através da intervenção musical com crianças com Necessidades Educativas Especiais em contexto de Jardim-de-Infância. Tendo como pressuposto os benefícios da inclusão e das parcerias entre pais e profissionais, pretendeu-se realizar um trabalho de investigação que permitisse, de forma global, observar aspectos motores, cognitivos e afectivos do desenvolvimento da criança com características do Espectro do Autismo (designada por P.A., por razões de anonimato) que fossem susceptíveis de ser influenciados positivamente pela participação em actividades musicais orientadas. Paralelamente aos benefícios observados relativos ao desenvolvimento da criança com características do Espectro de Autismo, verificou-se uma melhoria significativa na Inclusão da criança em estudo no grupo de Expressão Musical.

Através deste trabalho, verificou-se que a Expressão Musical é uma área fulcral para a inclusão de crianças com autismo no Jardim-de-Infância. O sujeito do estudo beneficiou, consideravelmente, da participação activa e organizada nas actividades musicais, melhorando as suas prestações em diversos indicadores da *SGS II*. A música pode ter um papel importante no desenvolvimento de competências e destrezas que, indirectamente, podem ajudar no dia-a-dia e na Inclusão destas crianças no contexto de Jardim de Infância. Espera-se, portanto, a partir deste trabalho, contribuir para a divulgação dos benefícios das actividades musicais enquanto actividades orientadas para o desenvolvimento das crianças com NEE, sobretudo ao nível dos aspectos motores, cognitivos e afectivos.

Palavras-Chave: Necessidades Educativas Especiais; Intervenção Precoce; Perturbação do Espectro do Autismo, Autismo, Música, Expressão Musical

Abstract:

This study aimed to contribute to the practice of Early Intervention through music with children with Special Needs in the context of kindergarten. Assuming the importance of inclusion and partnerships between parents and other professionals involved in the children's education, the project was developed with the goal of observing and improving motor, cognitive and affective behaviors of children with Special Needs, particularly of children with autism spectrum disorders. The study focused on a particular child (named P.A. for anonymity reasons) and a series of musical activities was designed with the purpose of addressing specific difficulties previously diagnosed. Apart from the benefits associated with the development of the child with autism spectrum disorders significant improvements were also observed in terms of the inclusion of the child in the class group of Musical Expression.

Through this research project it was possible to conclude that Musical Expression is an extremely relevant area contributing for the inclusion of children with Autism in the context of kindergarten. The subject studied benefited immensely from the active participation in organized musical activities, improving the results in several indicators of the SGS II. Music can play an important role in the development of competences and skills that can also, indirectly, help in the process of inclusion of children with special needs in the context of kindergarten. It is hoped, therefore, that this research project might contribute to the understanding of organized musical activities as excellent strategies for the development of children with Special Educational Needs, particularly in what motor, cognitive and affective aspects are concerned.

Key-words: Special Educational Needs; Early Intervention; Autism Spectrum Disorders, Autism, Music, Music Expression

Introdução

Na Declaração de Salamanca reconhece-se “a necessidade de actuar com o objectivo de conseguir “escolas para todos” – instituições que incluam todas as pessoas, aceitem as

diferenças, apoiem a aprendizagem e respondam às necessidades individuais*” (UNESCO, 1994, p. iii). Na mesma declaração é recomendado aos governos que atribuam prioridade ao aperfeiçoamento dos sistemas educacionais, de forma a incluir todas as crianças, independentemente das suas dificuldades. É também sublinhado que os governos devem encorajar e facilitar a participação dos pais e da comunidade no processo de planeamento e tomada de decisão relativos a serviços para as necessidades educativas especiais e que deve privilegiar-se a identificação e intervenção precoces, tal como, a formação inicial e contínua de professores relativamente à educação especial (*Conferência Mundial de Educação Especial*, 1994).

Correia (2003) afirma que a educação inclusiva se baseia em alguns princípios: a) todos têm direito a uma educação inclusiva, sempre que possível; b) as crianças com NEE possuem competências, sendo capazes de realizar aprendizagens, as quais poderão ser úteis para a sua contribuição na sociedade em que se inserem; c) as crianças com NEE deverão receber apoio especializado, de acordo com as suas necessidades e capacidades, quando dele necessitarem; d) tal como os outros colegas, as crianças com NEE deverão desfrutar de todas as actividades proporcionadas pela escola regular, bem como lhes poderão ser proporcionados currículos diversificados. Quanto aos profissionais e técnicos, estes devem trabalhar em conjunto com os pais e comunidade, incluí-los no processo educativo das crianças. “A inclusão chega à escola quando se assume que o respeito e a igualdade pelas diferenças devem ser tratados ‘a montante’, isto é, fazer parte de um património de cada pessoa e não ser só fruto de uma relação social.” (Correia, 2003. p.8).

A inclusão precoce de crianças com NEE no ensino pré-escolar é cada vez mais defendida como benéfica tanto para crianças com NEE como para crianças sem NEE. A implementação da inclusão em pré-escolas fomenta a convivência, a aceitação e normalização do conceito de NEE, como sendo uma realidade presente na sociedade e na comunidade. Os princípios orientadores para a inclusão na intervenção precoce são basicamente os mesmos que os contemplados para o ensino escolar, em que a avaliação é feita com base na colaboração entre educadores e pais, procurando intervir no desenvolvimento da criança, mas baseando-se na família como órgão decisor e impulsionador da intervenção, possibilitando a interdisciplinaridade, com formas de

* Tradução adaptada do texto original

actuação flexível e funcional, respondendo de forma eficaz às solicitações da criança e da família, sendo esta, membro activo da equipa interdisciplinar (Correia, 2005; *Conferência Mundial de Educação Especial*, 1994; Guralnick, 2001). Com esta mudança de filosofia educativa possibilitou-se um maior conhecimento da criança enquanto ser dotado de características e necessidades específicas inerentes ao seu desenvolvimento. Esta consciencialização influenciou também a pedagogia musical. Surgem os métodos da pedagogia activa que, ao nível do ensino da música, giram em torno de dois ideais específicos: o primeiro é o de que a educação é baseada na criança e o segundo o de que a Educação Musical deve ser acessível a todos.

Se a música, como forma de expressão, utiliza as qualidades do som para manifestar ideias, sentimentos e emoções e tem a categoria de meio de comunicação interpessoal, permitindo a criatividade, é indispensável uma exigente educação musical que prepare os alunos para a correcta utilização do som como meio de expressão, de comunicação e de elaboração própria ou criação, e para a percepção ou escuta activa. Carl Orff, Edwin Gordon e Keith Swanwick, entre muitos outros, oferecem-nos métodos pedagógicos que podem ser adequados e adaptados a uma intervenção com crianças com NEE, remetendo para conteúdos e conceitos basilares e para a promoção dos conhecimentos e competências musicais das crianças, na plena consciência das suas limitações.

No processo de ensino e aprendizagem musical, a expressão trabalha-se através da voz e do canto, da prática instrumental, do movimento e da dança. Quanto à percepção musical entendida como escuta activa, implica a sensibilização em relação ao mundo sonoro, em geral, e aos sons musicais e aos seus parâmetros, em particular, para conseguir que os alunos identifiquem, diferenciem e descrevam o que ouvem. Isso implica o conhecimento de um vocabulário musical mínimo (L, na designação do modelo de Swanwick ¹) que permita compreender e descrever os objectivos e tarefas.

Ao nível da audição, esta percepção ou escuta activa inclui desde actividades de diferenciação de alturas de som, durações de sons, contrastes dinâmicos, variações de

¹ Nota: C(L)A(S)P. C de *Composition*, referindo-se a actividades de criatividade musical; (L) de *Literature*, designando o conhecimento *sobre* música, e não o fazer musical em si; A de *Audition*, descrevendo as competências de discriminação auditiva; (S) de *Skills* ou destrezas, indicando competências físicas e motoras necessárias à execução instrumental, vocal ou corporal; P de *Performance*, respeitando às capacidades performativas não estritamente físicas, mas mais estético-analíticas. (Swanwick, 1996, pág.41.)

timbres vocais e instrumentais e reconhecimento de fragmentos rítmico-melódicos, e até formas e estilos musicais de obras de compositores representativos de diversas épocas. A compreensão de todos estes aspectos deve relacionar-se com a experiência e a idade do aluno, bem como com as suas capacidades. Ao nível da criatividade, destrezas e capacidades performativas, desenvolvem-se também uma variedade de actividades, preferencialmente ajustadas a cada aluno.

Embora a educação musical inicial se baseie, fundamentalmente, nas vivências (expressão verbal, canto ou movimento) e na diferenciação das qualidades do som (agudo – grave, longo – breve, por exemplo), convém despertar nas crianças, gradualmente, a curiosidade e o interesse em conhecer alguns sinais gráficos musicais simples que lhe permitam comunicar as suas percepções com outras crianças. Porém, a familiarização com o sistema de signos musicais tradicional deve surgir sempre da prática usual interpretativa, criadora e auditiva. Isto implica considerar como válida uma educação musical activa cujo objectivo é preparar os alunos como intérpretes, como realizadores expressivo-criativos, como conhecedores dos elementos básicos da linguagem musical, assim como das técnicas elementares, e como receptores musicais conscientes e críticos. Esta educação musical activa deverá ter sempre em conta, em cada nível educativo, as suas orientações programáticas, as possibilidades psicofísicas e a experiência pessoal dos alunos, já que todos os conceitos se podem trabalhar em níveis muito elementares. No que concerne à Expressão Musical, as orientações curriculares guiam o educador no sentido de que esta deverá ser “ um trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir” (M.E., 1997, p.63).

Materiais e método

Quando uma criança tem necessidades especiais, a música pode ser um dos meios mais poderosos para levá-la a interagir e para potenciar o seu desenvolvimento. Cantar ou tocar música, em família ou com amigos, pode proporcionar a existência de vínculo e de interacções entre a criança e o seu ambiente social.

Cientes dos benefícios da música para as crianças com NEE, pais e profissionais de equipas multidisciplinares devem preocupar-se em proporcionar e facilitar a sua inclusão o mais precocemente possível, de forma a colmatar e prevenir possíveis “limitações” ou desajustamentos. Este tipo de benefícios, apesar de se constituir como uma constatação baseada na evidência não contempla nem valoriza, na maioria das vezes, a parceria entre pais e profissionais. Deste modo, e tendo como pressuposto os benefícios da inclusão e das parcerias entre pais e profissionais, realizou-se uma pesquisa com vista à identificação de benefícios concretos da música na intervenção precoce, tendo em conta o contexto educacional da criança com NEE e a colaboração com a sua família.

Para a realização deste estudo optou-se pela metodologia de estudo de caso único instrumental, enquadrada no âmbito da investigação qualitativa. No que concerne à recolha de dados teve-se em consideração a natureza das características do sujeito em estudo e as circunstâncias muito particulares da sua problemática. As fontes de informação incluíram observações, entrevistas, registos áudio e visuais, documentos pessoais, notas de campo e relatórios (Stake, 2007, p.67). Os dados recolhidos apresentam pormenores descritivos relativamente ao caso, quer do ponto de vista da avaliação médica, quer do ponto de vista da descrição do comportamento, quer ainda do ponto de vista da categorização de desempenhos vários. As questões a investigar não se estabeleceram mediante a operacionalização de variáveis, mas foram antes formuladas com o objectivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural (Bogdan & Biklen, 1994).

Foi aplicada uma escala de avaliação de competências, a *Schedule of Growing Skills II*, também designada por SGS II - Escala de Avaliação das Competências no desenvolvimento Infantil II. Este instrumento permite a avaliação do desenvolvimento da criança, comparando-a com a norma, em diversos momentos. Consegue-se ainda, através desta escala, saber se existe atraso e em que áreas ocorre. A análise dos dados permitiu registar os aspectos menos positivos susceptíveis de serem transformados em alvos de uma intervenção musical específica, tais como a atenção, compreender e seguir instruções, comunicação e coordenação motora (Bellman, M. et al, 2003, p. 6).

Após a aplicação da escala SGS II surgiu a necessidade de conhecer melhor o aluno ao nível das suas competências musicais (Gordon, 2000), e também de avaliar os conteúdos e competências que se encontravam a ser desenvolvidos nas actividades regulares de Expressão Musical com a professora especialista. A avaliação musical foi efectuada em duas situações distintas: em contexto de aula e individualmente.

Esta avaliação foi repetida no final da intervenção musical de forma a se poder confrontar as avaliações iniciais com as finais, e detectar as áreas de progresso/retrocesso em indicadores concretos de desenvolvimento psico-motor da SGS II, e ao nível do desenvolvimento de diversas competências musicais.

Toda a investigação (ciclo de avaliação-intervenção-avaliação) decorreu no contexto de Jardim-de-Infância, na sala de aula de Expressão Musical, e encontros individuais do investigador com a criança, ao longo de 10 meses (desde Setembro de 2008 até Junho de 2009). Foram tidas em conta as recomendações de Stake (2007), o qual defende que o investigador deve providenciar uma descrição clara e irrefutável para uma posterior análise e reflexão final.

Numa primeira fase optou-se por elaborar uma intervenção individual baseada na avaliação dos relatórios existentes da equipa de apoio, nos resultados da *Schedule of Growing Skills II* e na avaliação musical. Com a recolha e análise de todos os dados verificou-se a existência de resultados menos positivos ao nível das competências locomotoras; competências de audição e linguagem; competências de fala e linguagem; competências na interacção social e, conseqüentemente, nas competências cognitivas.

Para melhorar as competências locomotoras a estratégia de intervenção musical passou pela planificação de actividades progressivas envolvendo danças simples, com o objectivo de melhorar aspectos relacionados com a motricidade grossa e de criar condições para uma melhor coordenação e rapidez de execução de movimentos.

A “audição e linguagem” foi um indicador intervencionado através de estratégias diversas. Um exemplo de uma actividade foi a interpretação acompanhada de canções com forma binária, nas quais o aluno tinha que executar tarefas distintas nas duas partes. Ao realizar estas tarefas, o aluno executava, inconscientemente, duas instruções,

centrando-se, porém, essas instruções, num processo de internalização desligado de ordens exteriores ou da linguagem verbal. O elemento de transição entre as duas partes musicais era utilizado como aviso de mudança de tarefa. O grande objectivo foi incutir rotinas, desenvolver a capacidade de respeito por uma ordem pré-determinada e as competências de execução ordenada de tarefas distintas numa sequencialidade temporal. Outro objectivo foi a associação dos textos das canções a ordens implícitas, pré-indicadas, fundindo o sentido de obrigatoriedade com o carácter lúdico das canções.

Como forma de melhorar o discurso verbal foram utilizados provérbios, canções e lenga-lengas. Através delas o aluno interiorizou um maior número de palavras, assim como aspectos relacionados com a métrica, a acentuação, criatividade linguística e a construção frásica. A criatividade foi trabalhada, especialmente, através de estratégias de substituição livre de palavras ou estrofes, tomando a estrutura formal e métrica como fronteiras potenciadoras do desenvolvimento de uma criatividade orientada.

A música pode ser um meio privilegiado para desenvolver a interacção social, ao fornecer um leque de exercícios que leva a criar mecanismos, rotinas e a desenvolver as capacidades de trabalho em grupo. O simples facto de a estruturação rítmica de uma canção “obrigar” à internalização de compassos de espera com tempos muito precisos desenvolve o auto-controle e a apropriação de regras e disciplinas de interacção com o grupo de forma lúdica (regras básicas da convivialidade social).

Esta fase de intervenção, que teve 40 aulas com uma duração média de 20 minutos cada, tinha como objectivo auxiliar P.A. a evoluir e desenvolver competências importantes para a aprendizagem ajudando-o, assim, a melhorar competências que vão para além das competências musicais, respeitando sempre todas as diferenças de aprendizagem, principalmente quando encaramos a questão da inclusão no contexto sala de aula.

A segunda aplicação da *Schedule of Growing Skills II*, no final dos dez meses de intervenção, demonstrou uma melhoria muito significativa de P. A., particularmente naqueles indicadores, já enunciados, nos quais, inicialmente, se verificavam dificuldades. Este estudo de caso permite sugerir que intervenção musical orientada para indicadores específicos da SGS II poderá contribuir para uma melhoria relevante nas prestações ao nível desses indicadores.

Conclusão:

Sabendo que as perturbações do espectro do autismo são uma patologia presente em toda a vida, deve ter-se uma perspectiva de "aprender para a vida inteira". Este trabalho teve como objectivo a maximização das potencialidades do P.A. e a sua inclusão num grupo pré-escolar de educação musical. Como meta prioritária, teve-se a procura da compensação de algumas dificuldades identificadas no P.A. através de uma intervenção musical inclusiva e potenciadora das suas capacidades. Ao longo desta intervenção foi possível verificar que P.A. melhorou consideravelmente os resultados obtidos na primeira avaliação com a *Schedule of Growing Skills II*, devido a uma participação activa e organizada nas actividades musicais. A música pode ter um papel importante no desenvolvimento de competências locomotivas; competências na audição e linguagem; competências na fala e linguagem e nas competências de interacção social que, indirectamente, podem ajudar no dia-a-dia. Através da música podemos transformar e dar um carácter lúdico a actividades que poderiam, à partida, ser monótonas e menos motivadoras.

No âmbito musical P.A. atingiu os objectivos propostos. Os objectivos musicais individuais foram, nesta fase de desenvolvimento, iguais aos das crianças ditas "normais". O facto de o aluno ser portador de autismo não deveria ser motivo para o prejudicar significativamente ao nível do exercício das competências musicais próprias ou expectáveis para a sua idade. Concluiu-se também que é desejável que as actividades de expressão musical sigam certas rotinas, as quais se revelam confortáveis para as crianças em geral e, simultaneamente, facilitadoras da evolução e inclusão das crianças com autismo. Esta pesquisa revela a extraordinária importância da Expressão Musical enquanto área fulcral para o desenvolvimento cognitivo, psico-motor, emocional e de relacionamento social das crianças com autismo no Jardim-de-Infância.

As crianças com NEE representam, sem dúvida, um grande desafio para todos aqueles que com elas convivem diariamente: pais e professores. Também não deixam de trazer recompensas para aqueles que aceitam a responsabilidade de as educar e de colaborar no seu crescimento. Uma relação próxima, considerando-as seres humanos com direitos iguais a todas as outras crianças, é chave crucial para o sucesso do trabalho a realizar. Essa proximidade obriga-nos a compreender e lidar eficazmente com todas as

dificuldades, já que as crianças desafiam a nossa criatividade e flexibilidade, num processo contínuo de aprendizagem. A música é um poderoso aliado no processo educativo dessas crianças e na sua verdadeira inclusão nos contextos em que se desenvolvem.

Bibliografia

Bellman, M., Lingam, S. & Aukett, A. (2003). *Escala de avaliação da competência no desenvolvimento infantil dos 0 aos 5 anos. Manual Técnico*. 1º Edição; Lisboa: Cegog.

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria dos métodos*. Porto: Porto Editora.

Correia, L. M. (2003). *Educação Especial e Inclusão. Quem Disser Que Uma Sobrevive Sem a Outra Não Está no Seu Perfeito Juízo*. Porto: Porto Editora.

Correia, L. M. (2005). *Inclusão e necessidades educativas especiais. Um guia para educadores e professores*”. Porto: Porto Editora.

Gordon, E. E (2000). *Teoria de aprendizagem musical: competências, conteúdos e padrões*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.

Ministério da Educação – DEB (Ed.) (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Autor.

Stake, R.E. (2007). *A arte da investigação com estudos e caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Swanwick, K. (1996). *A basis for music education*. London : Routledge.

Unesco (1994). “Declaração de Salamanca” in *Revista Inovação*, nº1 vol. 7. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.